

A janela, o estranho e a cidade "



Marcus André Vieira

Vieira, M. A. A janela, o estranho e a cidade. La libertad de pluma. Disponível em <<https://redzadigargentina.wordpress.com/2018/06/20/la-libertad-de-pluma/>>

Resumo

É o espaço da estranheza e seus objetos que contam. Para isso, não basta procurar o fora de cena, mas sim o ponto em que a cena estremece, a desrealização da cena. É uma desrealização particular que nos interessa. Porém, quando tudo que resiste a se definir ao modo “pão-pão, queijo-queijo” torna-se inimigo e ser destruído ou massa a ser eliminada, como ainda sermos difusores irônicos de estranheza, catadores de objetos estranhos?

I

O tema da janela tem longa história no ensino de Lacan.

Um primeiro aspecto é uma analogia, a de tomar a consciência, a estrutura do ego como a de uma janela. Não no sentido de proteção ou barreira, mas de recorte.

Assumimos que é preciso, para suportar o excesso de estímulos do real, para sair do “sem recursos” da criança freudiana, de óculos. Não para ver melhor, mas para ver menos. A cultura, ou simbólico como dizemos às vezes, é o enquadre que nos permite discernir coisas, colocar algumas sob nosso foco enquanto outras se perdem, fora de cena. Neste sentido a janela equivale a um par de óculos.¹

É todo um modo de estar no mundo. Seria ele exclusividade do recalque, da estruturação neurótica da vida? A discutir. De toda forma, quando a realidade psíquica e a fantasia (no sentido que lhe dá Lacan), são constituídas por esse jogo, o do par janela x fora da janela é quase impossível viver a vida sem ele.

Nesse contexto, é uma tentação pensar que uma análise se interessa pelo que não se vê da janela da consciência, pelo que ficaria de fora. Não é bem assim.

A célebre definição freudiana do inconsciente como *Outra cena* é relida por Lacan para mostrar que, como tantas outras, não é bem o que parece ser. O perigo é entendê-la apenas como cena oculta. O analista se liga a alguma coisa que não se vê, não acessível

♦ Esse texto reúne o essencial de minha apresentação no primeiro encontro virtual do Seminário Clínico da EBP-Rio, com alguns acréscimos da apresentação do mesmo tema na atividade preparatória para o XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tmSzVsMGd2k&t=2196s>).

O que se lerá, deriva diretamente das conversas com Romildo do Rêgo Barros na preparação do seminário, assim como com Nohemí Brown a quem agradeço.

diretamente pelo esforço consciente, mas não a imagina como uma cena que, para ser vista, bastaria que se deslocasse o ângulo da câmera.²

A Outra cena do inconsciente não é nem mesmo quando alguém abre para nós seus armários e vemos uma cena secreta, feita de objetos escondidos nos porões da existência. A chave não é tanto onde estão os objetos, é o regime de desrealização que instaura uma análise e não a realidade alternativa que ela desenterraria.

II

É o espaço da estranheza e seus objetos que contam. Para isso, não basta procurar o fora de cena, mas sim o ponto em que a cena estremece, a desrealização da cena. É uma desrealização particular que nos interessa e acontece apenas em situações especiais.³

A mais comum ocorre quando duas cenas, duas realidades se contrapõem e torna-se indecível saber em qual cena estamos. Na indecisão entre a paisagem comumente representada e a que nossos olhos apresentam, surge a estranheza.

É o que mostra a célebre situação de Freud. No trem, caminhando no corredor buscando sua cabine, vê chegando um senhor antipático até descobrir que é ele próprio refletido no vidro. Instaura-se um espaço entre Freud e Freud, o da estranheza de Freud diante da antipatia dele mesmo para com ele mesmo.

O que importa, porém, é que o a desrealização vem apresentar, neste exemplo a rabugice de Freud e que lhe traz um aspecto inesperado de si mesmo. De maneira análoga, a perturbação da realidade sustentada pela presença “entre-dois” do analista, esse tão íntimo e tão estranho personagem, convoca lembranças, representações ao modo da antipatia de Freud. São coisas também feitas de elementos híbridos, colagens, fragmentos, tudo o que Lacan chamou de resto, dejetos a serem descartados, mas que não conseguimos jogar fora e que vão morar no “entre-dois” do recalque.

Por seu poder desestabilizador da realidade, esses elementos produzem revoluções, forçando reconfigurações do ego. Lacan reúne todas as características deste tipo de objeto em uma só letra ao denominá-lo objeto “a”, estranho objeto da psicanálise.⁴

III

Até ontem, a presença do analista, física quase sempre, quase sempre indefinida, instaurava esse espaço de estranheza praticamente por si só.⁵ O que lhe acontece, porém, quando precisamos prescindir do corpo no ambiente virtual?

É preciso primeiro notar o quanto a situação especial e relativamente rara de Freud é hoje nosso cotidiano. Vivemos na pandemia todo o tempo *entre* duas cenas, ou duas janelas, a janela da casa e a do computador ou do celular. Já era nossa vida desde antes, mas o isolamento nos instaura radicalmente nesse “entre”. Não só entre janelas, mais ainda entre o antes e o depois da epidemia. Nestes dias, vimos habitar um espaço perturbado que até então encontrávamos apenas raramente, esse espaço desrealizado entre-dois que se tornou nossas vidas. Não à toa, há tanta estranheza e angústia nesses tempos.

Como fazer valer a estranheza da presença do analista quando a estranheza não é mais episódica, mas está em toda parte? A questão crucial da análise *on-line* me parece se

concentrar nesse ponto, bem mais do que na presença ou não do corpo. Mesmo antes, não bastava estar fisicamente presente para que o estranho do corpo se apresentasse, no entanto, a presença do analista como coisa indefinida, parece ainda menos garantida, o que não significa que não possa haver análise *on-line*.⁶

IV

Há outro objeto *a* fundamental, não mais no campo visual, a voz. Bem mais difícil falar dele, mesmo assumindo que ele também se insinua no entre-dois da estranheza.

Seguindo o mesmo raciocínio empreendido para o campo escópico, o de sua estruturação ao modo cena x fora de cena, tendemos a pensar que haveria, aqui, o mesmo jogo ao modo da fantasia neurótica entre o que se ouve e o que não se ouve. Como se houvesse uma cena musicada, por exemplo a melodia, e um fora de cena, que se apresentaria como ruído, ou ainda um detalhe oculto da entonação, prosódia etc.

A experiência auditiva resiste a este modo de estruturação porque se estabelece não como descontinuidade, como o olhar, mas em um regime de continuidade. Sempre se ouve alguma coisa. Não é como na visão em que basta fechar os olhos para que a cena desapareça. A paisagem sonora, como afirma Lacan, não desaparece nem mesmo se tapamos os ouvidos ou, como Quignard resume: os ouvidos não têm pálpebras.⁷

A presença do Outro se objetaliza como olhar e voz, mas de modos distintos.⁸ Para o objeto voz, de Lacan, como apresentação da presença do analista e de seu poder de interpretação, será preciso pensar menos em ternos de dentro e fora, visível e invisível e mais de ritmo e intensidade.

Por isso é preciso todo um trabalho, até certo ponto artificial, para instaurar um fora de cena sonoro. Quando durmo com o ar condicionado ligado, por exemplo, crio um “fora” artificial, que não se faz entre som e silêncio, mas entre sons aleatórios perturbadores e um som contínuo pacificador. Aquele rom-rom elétrico vem instaurar um “dentro-fora” que não existe por si só.

Então o objeto que nos interessa ganha outro aspecto. Melhor falar, em vez de objeto-mancha, de uma presença não exatamente ouvida, mas pressentida. Uma coisa que se insinua, que é presença pressentida. Que melhor exemplo dessa presença pressentida que a do vizinho que faz sons estranho ao lado? Ou ainda no painelço?

V

Por isso a voz é sempre meio estranha, de alto poder desrealizador. Por esta continuidade precariamente moebiana entre dentro e fora, vale interrogar se, ao abordar o objeto voz, do mesmo modo que abandonamos em parte a estrutura janela x fora da janela, da fantasia, não somos levados a abandonar o paradigma da neurose, passando a ter a psicose como referência.⁹ Afinal, todo o trabalho do psicótico, ao menos em sua versão paranoica é definir um dentro e fora estável ao expulsar a presença estranha do Outro, seu gozo, que o aflige, delimitando-a como externa ao modo de uma voz que o insulta - ainda invasiva, mas agora externa.

O insulto, e o ódio paranoico podem ser uma chave de leitura para nosso mundo (fim de mundo), que não tem mais dentro e fora estáveis. Vivemos numa multiplicação

infinita de janelas que abrimos a cada dia na tela. Neste contexto, muitos seguem a macabra escolha de definir um “nós” ao modo do “nós contra eles”.

As redes, com seu binarismo de base contribuem para sustentar o discurso paranoico em escala coletiva. Como, porém, a presença que se quer expulsar está sempre, igualmente dentro, será preciso o tempo todo e por todos os meios berrar para buscar eliminá-la.

VI

Não vejo sentido retomarmos estes temas sem quebrarmos também a cabeça sobre como e de que lugar eles podem participar de uma ação coletiva de mudança da situação concreta do país. Não porque teríamos certeza de uma contribuição válida, mas porque é necessidade vital.

Quando tudo que resiste a se definir ao modo “pão-pão, queijo-queijo” torna-se inimigo e ser destruído ou massa a ser eliminada, como ainda sermos difusores irônicos de estranheza, catadores de objetos estranhos?¹⁰

Quase em contraponto com tudo o que foi dito até aqui, creio que precisamos defender a realidade. Sabemos que ela é um sonho, nosso trabalho habitual é o de desrealizá-la, mas hoje, diante de tanta fragmentação, talvez tenhamos que escolher ao menos uma e reafirmá-la.

Qual seria, então, o *comum* que nos apoie? Um *nós* que nos reúna?

Entendo como o do humano tomado como podendo ser outra coisa do que é. Essa não seria a possibilidade de um laço social cujo fundamento seria a estranheza? Não seria a estranheza bem mais viva e aberta que a paranoia ambiente?

Não se trata de buscar Outra cena como realidade alternativa, mais ou menos utópica, mas sim a possibilidade das coisas, na distopia em que vivemos, sempre poderem ser Outra coisa. Na luta contra a necropolítica assim como na contramão do identitarismo ao modo americano, é preciso sustentar a todo instante, como em nossa clínica, que um pobre possa ser outra coisa que não pobre, ou um negro, ou uma mulher.

¹ Aqui vale o exemplo de Win Wenders no filme “Janelas da alma” várias vezes citado por Romildo e por mim mesmo. Ele lembra quando colocou lentes de contato e não suportou o excesso de visão, foi preciso voltar para o enquadramento de seus óculos de míope.

² Esse tipo de cena que promovem tantos famosos em suas *lives* em tempos de quarentena. Vemos o interior da casa, tudo alegre, limpo e fofo. Esse tipo de cena complementar, apaziguadora é “outra”, mas não a que nos interessa.

³ Por exemplo, como produz a série de telas de Magritte denominadas “A condição humana”, trabalhado por Romildo no seminário clínico da EBP-Rio.

⁴ Para homenagear o grande Aldir Blanc, quero destacar um desses objetos no bolero, *Dois para lá, dois para cá*, inesquecível na voz de Elis Regina. Um homem tira sua diva para dançar. No ambiente de realidade perturbada do salão da boite, “sentindo frio em minha alma”, com a cabeça “rodando mais que os casais”, a descrição da musa, entre ideal e cafona, delimita com precisão esse poder de estranheza do entre-dois, que atravessa toda a canção e se concentra no objeto que se introduz no clímax de sua descrição: o seu perfume gardênia, no dedo um falso brilhante, brincos iguais ao colar e a ponta de um torturante *band-aid no calcanhar*. Como em uma análise a estranheza precipita um objeto singular, que toca o inseguro dançarino da canção analisante como nenhum outro e faz com que ele nunca mais seja o mesmo depois desse encontro.

⁵ O analista se insinua como presença indecível. Isso pode ser feito pelo silêncio. Um silêncio que abra o espaço do estranho. Parece difícil, mas não é, basta que o analista não acredite a 100% que a realidade vivida no dia a dia é o real que interessa, nem que o material inconsciente é em si o real. Vale mais o que surge no entre-dois.

⁶ Além disso, a estranheza no isolamento se desloca para o que está entre mim e o próximo. Entre mim e minha esposa ou filhos, ou o vizinho. É preciso, na sessão, online ou não, materializar o objeto estranho, que nos interpreta e nos reconfigura.

⁷Cf. Lacan, J. *O Seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 17 e Quignard, P., *Ódio à música*, São Paulo: Rocco, 1999, p. 61. Por isso instaurar um fora de cena sonoro é muito forçado, quando durmo com o ar condicionado ligado crio um fora de cena, mergulho no meu quarto, mas aquele ronron elétrico não é silêncio, vem forçar um dentro fora que não há por si só.

⁸ Em meu livro *A escrita do silêncio* (Rio de Janeiro, Subversos, 20218), propus essa diferença em termos de objeto olhar / janela/ fantasia de um lado, e voz / *sinthoma* / vizinhança, de outro.

⁹ Cf. Miller, J. A. *El Outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 77.

¹⁰ Lacan, em "Lituraterra", já dizia que o ocidente (hoje diríamos o mundo eurocêntrico) é fundado no assassinato. Contrapunha a ele o oriente, em que um traço não é rasura, apagamento, mas marca de gozo. Com A. Mbembe, diríamos de outro modo: se a pólis eurocêntrica se constrói a partir de uma necropolítica, no Brasil, vemos como a necrópole do capital, em sua versão paranoica, pode ser suicida.